

EMERGÊNCIA CLIMÁTICA



EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

Um cordel de
Daniel Glaydson Ribeiro

Com ilustrações de
Sanzio Marden

Brava gente que me escuta,
Eu peço a vossa atenção:
Pois o mote que me dêro
Num é brincadeira não:
É todo o nosso futuro
E das demais geração!

Pois desde os ano setenta
Que certos indicadores
Tão medindo a sobrecarga
Do planeta e seus calores
E não teve um ano só
C'a Terra livre de dores.

Tão usando e abusando
Dos recursos naturais
Tal como se fosse um poço
Infinito e sem finais
Quando na verdade a Terra
Está clamando seus ais!



E ela não clama chorando
Mas com a fúria dos mortais
Alçando o mar em marés
Queimando tudo em sinais
Pra ver se o homem se havia
E muda seus ideais!

Pois não se come dinheiro;
Gasolina não hidrata;
Não me agasalho com plástico
E nem respiro fumaça;
Pra viver um na mansão
Precisa um monte sem casa.

É munta desigualdade
No mermo pedaço de chão:
Enquanto uns cagam ouro
Outros não tem nem feijão.
E de onde vem esse ouro?
Ladruage e exploração.



Pois não há riqueza muita
Que não venha do exagero
Desse sistema demente
Que só te dá desemprego
Ou então chicóte no lombo
Por um troquim de dinheiro!

Mas o pobre, empregado
Baba na televisão
Porque vê aquele povo
Que tem grife até no pão.
E gastam seu mêi salário
Pra comprar um tênis bão...

Um tênis réi igualzim
Aos que tem de mói na feira
Tudo feito lá na China
“Materiá de primeira”
E precisa dum navio
Pra trazer essas besteira!



Luxo, lixo, luxo-lixo!
Coisa séria e engraçada:
A embalagem das coisa
Só serve se tá fechada,
Mas depois que se acabou
Largam tudo nas estrada!

Batata que tava dêntu
A gente come todinho
Ninguém vê o conservante
Nem se tá bem salgadinho
A embalagem é de plástico,
Então parece limpinho!

Mas assim que se acabou
Parece que é uma meleca:
Tem que jogar logo fora,
Dentro do carro não presta,
Não dá pra guardar num canto.
Tem que sujar a floresta!



Coitado desse planeta
Em estado terminal
A ciência tá dizêno
Que a situação é tal:
Tem que arregaçá as manga
Pra não chorar no final.

Antes o jornal pregava:
Aquecimento global!
Daqui a cinquenta anos
Vai derreter o Nepal.
E mar vai esquentá tanto
Que o povo vai passá mal.

Mas os grande magnata
Dono dos mermos jornais
Não leem as suas página
Mentirosas ou reais:
A ciência! Interessa
Quando gera capitais.



Se a notícia contraria
A alta produtividade
Se o negócio vai mexer
C'a tal rentabilidade,
Então melhor deixar quieto
E manter a ruindade.

“Os gases do efeito estufa
“O quê que eu posso fazer?
“Se o buraco é lá em cima,
“Vou manter meu métier:
“Lançar bem muita fumaça,
“Dejeto até num querer.”

Assim pensa o magnata,
Dono do manancial.
Como diz Murilo Mendes,
pro rico o essencial
tem nada a ver com essência
só mermo c'o capital.



Dêxamo coisa ligada
Só prazer de consumir
Carregador na tomada
Tá prestes a explodir
E enquanto isso na mata
A hidrelétrica a zunir!

Vê-se que a coisa é difícil
Desde a tal revolução
Só pode ter coisa errada
Nesse monte de invenção
Pois desde energia elétrica
Que perdemos a noção

Da belezura da noite
Bem no meio do sertão
Lá onde não chegou poste
Mas vive meu coração
Lá onde se tinha tempo
Prum rumance e um violão.



Confundimos ser com ter
Tudo agora é consumir
E esta língua, tão sabida...
Que quer dizer consumir?
O prefixo... é “con”, todos
Juntos, sem ter pr’onde ir.

Vão dar sumiço na terra
Vão esperar pelo espaço.
Muito bonito esse povo,
Deixa o planeta um bagaço,
Depois pergunta pra Nasa
Mas vai levar é balaço!

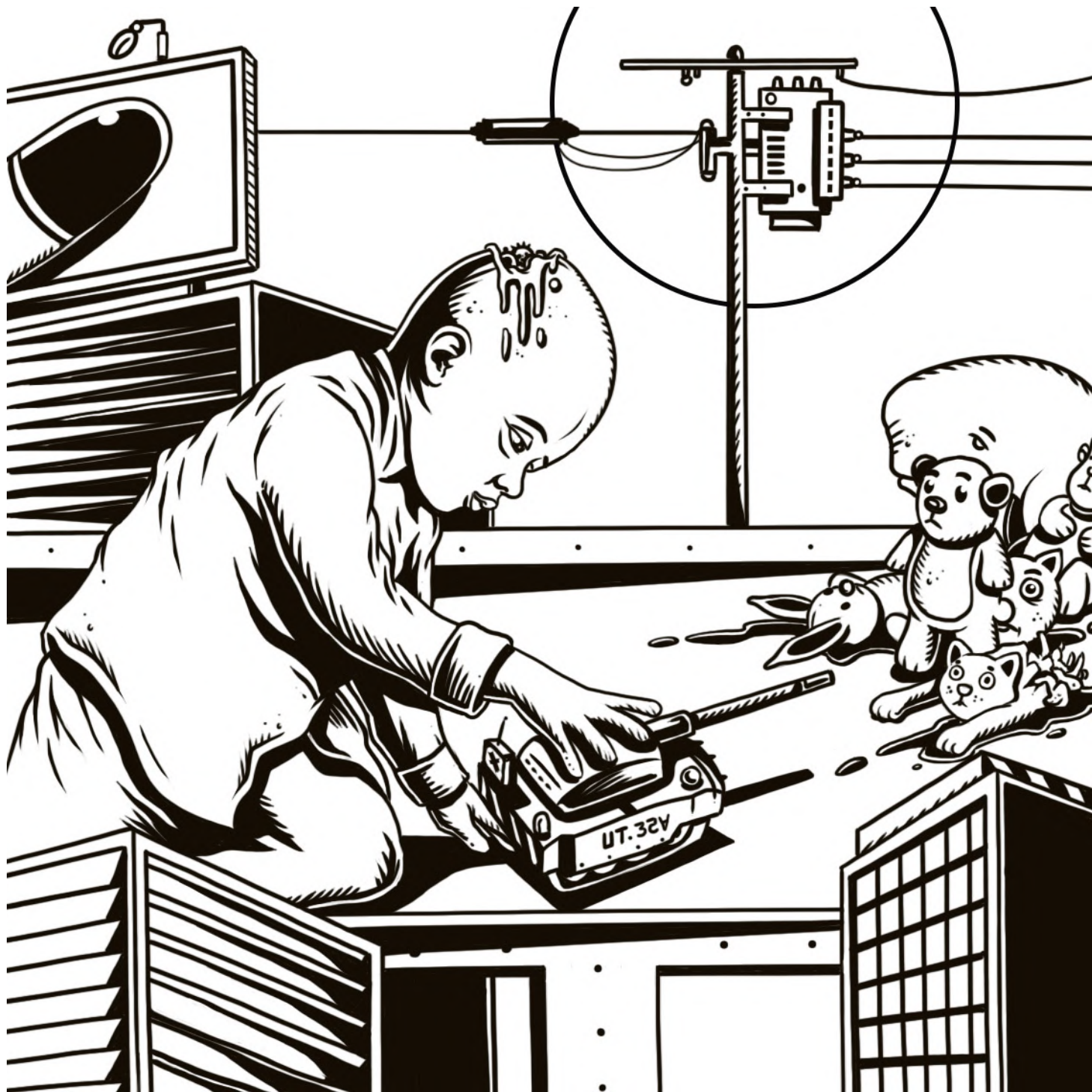
Veio inté uã pandimia
Pra deixá bem evidente
Que a natureza responde
Toda mudança da gente
Basta desacelerá
Pros bicho ficar contente:



Até golfinho no Tejo
Inventâro de emergir
O ar ficou mais limpinho
Coisa boa de sentir
Lá na Índia o Himalaia
Resolveu de se exhibir!

Mas ô dureza aprender!
Esse é o “novo normal”:
Buzinar, engarrafar,
Jogar lixo no sinal,
Como se essa bagaceira
Fosse mermo natural!

Para aprender a viver
No seio da natureza,
Nós já temo professor
Nativo dessa riqueza:
Pois quem mió que o indígena
Para entender da beleza



Que é viver no mêi do mato
Sem nada que desmatar!
Chama o pajé e a xamã
Pra nós sentar e escutar.
Vida não é pra ser útil,
Disse o Ailton Krená!

Precisa parar agora
Com o desenvolvimento,
E olhar um para o outro
Na paixão do envolvimento:
Sentir o amor pela terra,
Nossa casa, nosso alento.

E esta casa planetária
Começa é aqui no lar,
Na calçada, na escola,
Qualquer que seja o lugar
Onde consumamos menos
Protegendo o habitat!



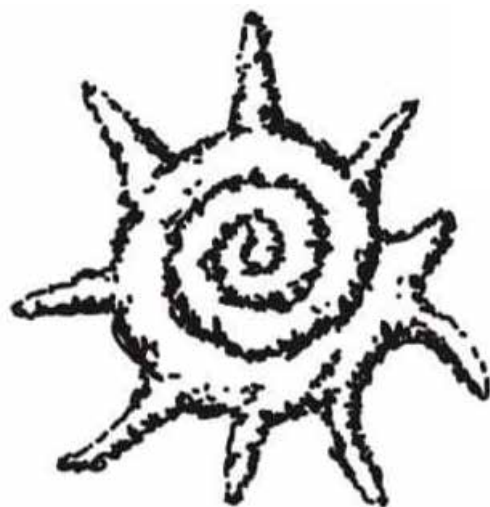
Salve a permacultura!
Salve agroecologia!
Tá na hora de alembrear
Que a raiz da economia
Vem do grego oikós
Que é casa, chão, harmonia!

Viva o povo do entremares!
Sanzio Marden, cabra bão!
Monica Toledo é força
Pra pensar restauração
Desse mundo, vasto mundo
Do mar até o sertão!



Daniel Glaydson Ribeiro acredita na beleza e na fúria das palavras. Inda mais se estas carregam a beleza e a fúria do Nordeste brasileiro num ritmo de sertão, chapada e mar. Mora entre Pio IX, terra do caju, e Cocal, terra do mel, tirando desta mistura a arte da dodiscência.

Sanzio Marden trabalha com artes visuais, aplicativos e patrimônio histórico - monta projetos de conservação e preservação do meio ambiente histórico/cultural - já andou pelas bandas de Sobral, São Paulo e Belo Horizonte, onde atuou na arte e educação, deu cursos e oficinas de pintura/ilustração, (expõe e ilustra para adultos e crianças) - Hoje em dia atua em uma startup de saúde mental.



@sanziomarden @danielglaydsonribeiro